

Língua em uso: gramática, discurso e construções

Marcos Luiz Wiedemer¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FFP

Ivo da Costa do Rosário²
Universidade Federal Fluminense

Este dossiê, de número 28, da Revista Solettras, encontra-se organizado de forma a oferecer ao leitor interessado um painel de diferentes perspectivas do modelo denominado funcionalista. Nesse modelo, temos a integração entre os polos da gramática e do discurso, que são representados em construções. São onze artigos sobre temas relevantes da pesquisa linguística funcionalista e uma entrevista com o Professor Dr. Dirk Geeraerts conduzida pelos organizadores do dossiê.

Diversos estudos estão assentados sob o escrutínio do funcionalismo em variados modelos teóricos, porquanto o funcionalismo, como paradigma teórico dentro da Linguística, não é uma abordagem homogênea, pois engloba diferentes vertentes funcionalistas que estão associadas ao nome dos grupos ou dos estudiosos que as desenvolveram. Essas teorias coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que, segundo Castilho (2012), desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Para Neves (1994, p. 109), “um bom modo de sintetizar o pensamento básico das teorias funcionalistas é lembrar Martinet (1978), que aponta, como objetivo da verdadeira linguística, a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua”.

O surgimento do Funcionalismo deu-se a partir do Círculo Linguístico de Praga ou Escola de Praga. As principais ideias e concepções dos membros do Círculo estão contidas no texto das *Thèses*, formuladas e publicadas em 1929, que destacavam os conceitos de concepção de língua como sistema funcional, ou seja, a função das unidades linguísticas; na fonologia, a obra mostrou o papel dos fonemas na distinção e demarcação das palavras; na sintaxe, explicitou a estrutura da sentença no contexto. Portanto, a linguística oriunda do Círculo Linguístico de Praga constituiu uma revolução epistemológica nos enfoques

¹ Professor Adjunto (Linguística) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP). Membro (pesquisador) do Grupo de Pesquisa CNPq “Discurso & Gramática” (UFF). E-mail: mlwiedemer@gmail.com.

² Professor Adjunto (Língua Portuguesa) da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde atua nos cursos de graduação e pós-graduação. Vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Discurso & Gramática” (UFF). E-mail: rosario.ivo2@gmail.com.

européus, nos anos 20 do século passado, e culminou com um novo paradigma de investigação, o funcionalismo linguístico.

Fundado em 1926, o Círculo contou com a participação de pesquisadores tchecos e a colaboração de estrangeiros, como o alemão Karl Bühler e os franceses Tesnière, Benveniste, Vendryès e Martinet, além de outros pesquisadores de relevo, como Troubetskõi e Jakobson, que se juntaram ao grupo em 1928. Tendo iniciado a compreensão de uma linguagem com função comunicativa, o grupo tinha por filiação trabalhos estruturais com bases saussurianas, além de outros trabalhos ligados ao formalismo russo, com a Gestalt e o Círculo de Viena. Sobre isso, ao tratar das *Thèses*, Dose (1993, p. 78) comenta que, “em seu papel social, cumpre distinguir a linguagem segundo a relação existente entre ela e a realidade extralinguística”.

Mathesius afirmou que a comunicação afeta dinamicamente o conhecimento e a consciência humana ao publicar as bases da linguística funcional, em 1929, em um artigo intitulado *Functional linguistics*. Nele, o autor elabora um arrazoado da situação da linguística tcheca nos anos 20 e lança dois fundamentos basilares da escola de Praga: a opção pela sincronia e a relação entre as pesquisas linguísticas e o campo social da arte e da criação.

Entre as contribuições do Círculo, podemos citar os usos dos termos *função/funcional* no estabelecimento dos fundamentos teóricos básicos do funcionalismo e da análise de parâmetros discursivo-pragmáticos. Neves (1994, p. 112) comenta que “o conceito de funcionalismo em linguística é, afinal, indubitavelmente ligado à Escola de Praga, mas é necessário observar que ele tomou, depois, vida própria e independente”.

Em continuidade à esteira funcionalista na Europa, é basilar a contribuição da Escola Funcionalista de Paris, que teve como principal nome André Martinet, mantenedor de forte relação com os Círculos de Praga e Copenhague e desenvolvedor da *Perspectiva Funcional da Sentença*. Martinet desenvolveu o conceito, atualmente trivial, de que a língua é uma estrutura adaptável às necessidades comunicativas. Como explicação de tal premissa, o autor aponta que “uma língua muda porque funciona” (MARTINET, 1978, p. 52). De acordo com Ilari (2004), o maior mérito de Martinet é oriundo dos estudos de fonologia diacrônica, em que apresentou o conceito de economia linguística. “Seu raciocínio mostrava que o que evolui na língua não são elementos isolados, mas sim as estruturas” (ILARI, 2004, p. 73). Além disso, defende que há uma relação entre mudança social e linguística, o que permite o surgimento de novas funções para velhas formas.

Do outro lado do Atlântico, na linguística norte-americana, o funcionalismo foi dominado pela tendência formalista empreendida, inicialmente, por Bloomfield. Essa tendência se manteve com o advento da teoria gerativa, nos anos 50. Contudo, paralelamente, desenvolveu-se uma tendência funcionalista com os trabalhos etnográficos de Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Whorf. Na literatura sobre linguística, porém, Bolinger é apontado como um dos precursores da abordagem funcionalista norte-americana. O autor “chama a atenção para o fato de que fatores pragmáticos operavam em determinados fenômenos linguísticos estudados pelos estruturalistas e gerativistas”. Além disso, “Bolinger impulsionou o funcionalismo com suas análises de fenômenos particulares, em especial seu estudo pioneiro sobre a pragmática da ordenação das palavras na cláusula” (CUNHA, 2009, p. 163).

O estabelecimento do funcionalismo norte-americano deu-se a partir dos anos 70, a partir do texto *The Origins of Syntax in Discourse: a case study of Tok Pisin relatives*, publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown (1976), quando houve um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe, o que influenciou o trabalho de Talmy Givón (1979) e sua divulgação, em *From Discourse to Syntax: Grammar as a processing strategy*, que defendia o cline *discurso > sintaxe > morfossintaxe > morfofonêmica > zero*, apoiado em evidências de estudos sobre aquisição da linguagem, passagem de *pidgins* para *crioulos* e pesquisas diacrônicas.

A breve história da perspectiva funcionalista apresentada até aqui constitui as bases para o desenvolvimento de diversos grupos funcionalistas em diferentes centros de pesquisas mundiais. Dessa forma, conforme já assertamos, existem distintos modelos no interior do que vem sendo denominado *funcionalismo*, apesar de haver particularidades distintas que marcam esses modelos. Entretanto, o que reúne as diferentes correntes funcionalistas é a defesa do papel comunicativo, a ideia de que a língua serve ao ser humano e, por sua vez, que o sentido de *função*³ está na base de qualquer teoria funcionalista. Para contextualizar alguns dos modelos funcionalistas, passamos a apresentar brevemente uma caracterização das principais abordagens praticadas no Brasil.

Linguística Sistêmico-Funcional – desenvolveu-se a partir dos estudos de Firth e vem sendo aprimorada por Halliday e seus seguidores. Atualmente, é utilizada não somente no campo das descrições funcionais, mas também na influência a outras teorias, como, por

³ A noção de *função/significado* de Nichols (1984) faz referência ao papel discursivo dos elementos linguísticos. Dessa forma, não são os itens em estudo que carregam funções/significações, e sim estas são depreendidas a partir do contexto de ocorrência daqueles.

exemplo, a teoria de letramento de Krees. De certa forma, a concepção de Halliday rememora o conceito de língua como sistema funcional do Círculo de Praga. De acordo com Gouveia (2009, p. 14), “trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso” e “fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual”.

Funcionalismo Norte-Americano – mais recentemente denominado de Linguística Centrada no Uso ou Cognitivo-Funcional⁴. Conforme Bybee (2010, p. 195), essa teoria tem como principais representantes Givón (1975, 1979), Sandra Thompson (1988, 1998), Hopper e Thompson (1980, 1984), John Haiman (1985) e William Croft (2003). A partir da observação do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, observa-se como a língua emerge à medida que é usada. Neste modelo, há uma forte vinculação entre gramática e discurso⁵, ou seja, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação, em consequência das instabilidades do discurso. Nessa vertente de pesquisa, defende-se a gramática como entidade emergente (HOPPER, 1998). Dessa feita, o conhecimento gramatical emerge de experiências particulares dos falantes, que são refletidas nas formas linguísticas. As construções gramaticais, por sua vez, têm sua origem na rotinização de agrupamentos de palavras do discurso (BYBEE, 2006). Ao se referir à Linguística Centrada no Uso, Oliveira e Batoréo (2014, p. 174) afirmam que “o interesse recai em padrões convencionais de uso, em expressões que são produzidas e recebidas como um todo de sentido e forma, e que passam a cumprir funções mais gramaticais ou discursivo-pragmáticas na língua”. Cunha (2007, p. 17) assevera que “a ideia central é que a língua é usada, sobretudo, para satisfazer necessidades comunicativas”. Para delinear um quadro mais completo do perfil da linguística cognitivo-funcional, cabe citar a contribuição de Ronald

⁴ Bybee (2010, p. 195) afirma que “Usage-based theory developed directly out of, and is in a sense just a new name for, American functionalism, which has been practiced for many decades (Noonan 1998). The first usage-based linguist of the twentieth century was Joseph Greenberg”.

⁵ Ao leitor interessado na trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista, indicamos a leitura de Oliveira e Votre (2009).

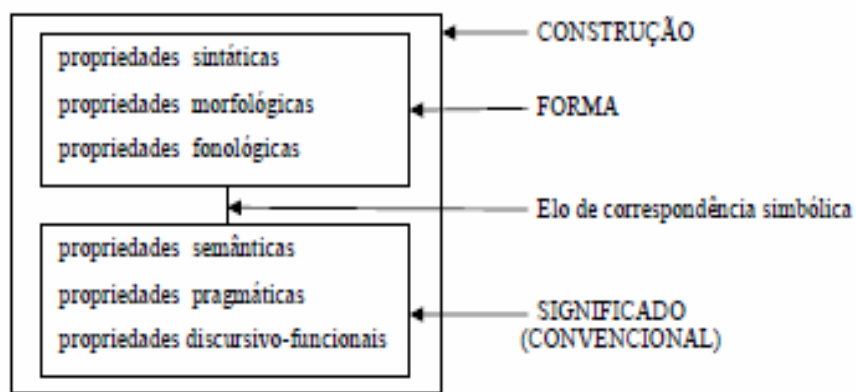
Langacker (1987) e George Lakoff (1987), além dos trabalhos de Michael Tomasello (1999) e John Taylor (1995).⁶

Gramática Discursivo-Funcional – ou apenas GDF – esboçada por Hengeveld e Mackenzie (2008), esse modelo é o mais recente da teoria da gramática funcional de linha holandesa desenvolvida por Simon Dik (1989, 1997a, 1997b). Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o modelo considera o ato discursivo como unidade básica da análise e tem por objetivo descrever as unidades linguísticas a partir da aplicação de *quatro* níveis na organização gramatical (os níveis interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico). Esses níveis organizam-se de cima para baixo e cada nível se estrutura hierarquicamente. Dois desses níveis modulares dão conta das motivações pragmáticas (*Nível Interpessoal*) e das motivações semânticas (*Nível Representacional*) da *formulação* linguística. Os outros níveis representam os aspectos estruturais (*Nível Morfossintático*) e prosódicos (*Nível Fonológico*) da *codificação* dos enunciados. Além disso, “modela a competência gramatical de um usuário da língua, representada pelo componente gramatical, ao lado de três componentes não gramaticais: conceitual, contextual e de saída. Esses três últimos interagem com o Componente Gramatical” (GARCIA; PEZATTI, 2013, p. 475).

Teoria da Construcionalização – Nos seus últimos desdobramentos, a Linguística Funcional, especialmente a vertente norte-americana, tem dialogado fortemente com os diferentes modelos de Gramáticas de Construções, como os desenvolvidos por Goldberg (1995; 2003) e, especialmente, por Croft (2001). O “casamento teórico” dos estudos sobre gramaticalização com as pesquisas desenvolvidas no âmbito das gramáticas de construções originou o que temos chamado modernamente de *Teoria da Construcionalização*. Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013) são os maiores expoentes dessa recente proposta teórico-metodológica para a investigação dos fenômenos linguísticos. A teoria da construcionalização é um modelo que objetiva reinterpretar os fenômenos de gramaticalização, lexicalização e degramaticalização por meio de um único modelo, além de propor uma investigação de níveis mais abstratos da organização linguística, no plano cognitivo (esquemas, subesquemas e microconstruções). Nas palavras de Traugott e Trousdale (2013, p. 22), a construcionalização pode ser assim definida: “É a criação de

⁶ Alguns autores preferem classificar estes últimos pesquisadores como cognitivistas. Em resumo, postulam que a estruturação das categorias linguísticas se dá a partir dos princípios que regem as categoriais perceptuais humanas.

(combinações de) signos com forma nova e significado novo. Ela forma novos nós, os quais apresentam nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes”. Os parâmetros comumente associados com a construcionalização são os seguintes: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização difere de outro fenômeno, igualmente relevante, chamado *mudança construcional*. Nesse caso, não se dá a construção de um novo signo, mas apenas alguma alteração em uma das propriedades da construção. Na teoria da construcionalização, normalmente adota-se o modelo construcional de Croft (2001):



A diversidade das orientações funcionalistas evidencia que, desde sua origem até seus dias atuais, entender a língua a partir das necessidades comunicativas é bastante produtivo. Para o leitor interessado em conhecer a base do funcionalismo, oferecemos, na sequência, a entrevista e os artigos que compõem o presente dossiê.

O dossiê inicial conta com uma entrevista concedida aos organizadores pelo professor Dr. Dirk Geeraerts acerca da recente área de pesquisa denominada Sociolinguística Cognitiva. Atualmente, ele é professor da Katholieke Universiteit Leuven (Leuven – Bélgica) e é um dos principais nomes na área da Semântica Cognitiva. A partir de sete questões propostas, o autor discorre sobre o objeto de estudo, os desenvolvimentos futuros, as contribuições e as vantagens dessa recente área de investigação. Além disso, esclarece a diferença entre a Sociolinguística Cognitiva e a Sociolinguística Variacionista. Ao final da entrevista, o autor trata da combinação da Sociolinguística Cognitiva com o paradigma construcional, como também apresenta a compreensão do que vem sendo denominado *cognição social*. Ao contato com o texto, o leitor terá a oportunidade de conhecer esse novo modelo teórico, além do acesso a uma vasta indicação de bibliografia para aprofundar o assunto.

Os quatro primeiros artigos do dossiê investigam tendências de usos de diferentes estruturas da língua a partir da perspectiva diacrônica, por meio do modelo da Linguística Centrada no Uso, bem como da utilização do modelo teórico-metodológico da Construcionalização desenvolvido por Traugott e Trousdale (2013).

O primeiro deles é de autoria da professora Mariangela Rios de Oliveira, líder do Grupo de Pesquisa “Discurso & Gramática” (UFF), e de Monique Petin Kale dos Santos. As autoras investigam tendências de usos de pronomes locativos na língua portuguesa e se apoiam em dados dos séculos XVIII e XIX para investigar um panorama de uso dos locativos *aí*, *ali*, *aqui*, *cá* e *lá*, bem como dos seus aglutinados *daí*, *dali* e *daqui*, com base em diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos.

O segundo artigo, intitulado *Locuções adverbiais de tempo em cartas oficiais do século XIX: motivações para a ordenação*, de Dennis Castanheira e Maria Maura Cezario, e tem por objetivo apresentar uma análise do uso de diferentes ocorrências de locuções adverbiais temporais em cartas oficiais do português do século XIX. Por meio da análise de possíveis ordens oracionais e da influência dos papéis discursivo-textuais assumidos por essas locuções adverbiais, os autores sugerem uma possibilidade de mudança na ordenação desses sintagmas.

O terceiro trabalho, *Rota de construcionalização do conector daí que: uma abordagem funcional centrada no uso*, de Ana Beatriz Arena, tem por objeto de estudo a expressão *daí que*. Fundamentada nos estudos de Diewald (2006), a autora pesquisa as instanciações de mudanças construcionais considerando relações metonímicas, pressões de informatividade, desenvolvimento de inferências sugeridas e processos de subjetivação e (inter) subjetivação. Dessa forma, a autora conclui que esses processos são cruciais para o desenvolvimento do conector lógico-argumentativo *daí que*.

O quarto texto, que compõe os trabalhos de cunho diacrônico, é o estudo desenvolvido por Alexandra Ferreira da Silva, que recebe o título *O papel dos contextos na análise de micromudanças que compõem a rota de construcionalização gramatical de “foi quando”*. Neste estudo, são investigados os usos de “foi quando”. A autora desenvolve a hipótese de que o uso mais gramatical dessa expressão se configura como uma microconstrução, nos termos de Traugott (2008). Além disso, considera que os graus de gramaticalidade de “foi quando” sejam decorrentes de um processo de mudança diacrônica.

Os cinco últimos artigos do dossiê investigam assuntos diversos, concentrando-se em uma perspectiva de análise predominantemente sincrônica. Por meio do aparato teórico-metodológico de diferentes vertentes funcionalistas, os autores apresentam resultados de pesquisas recentemente desenvolvidas em grandes universidades do país.

O quinto texto, cujo título é *Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português*, é de autoria da Prof^a Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ). A pesquisa focaliza construções verbo-nominais que funcionam como predicados complexos. Segundo seus resultados, embora construções com verbo suporte exibam esquematização e, em um número significativo de casos, significado figurado, elas também exibem um alto grau de variação formal e semântica que é importante considerar quando se lida com a idiomaticidade imputada a algumas instâncias de tais construções. Há construções intermediárias e híbridas no *continuum* formas procedurais-formas lexicais e também construções com verbo suporte não-lexicalizadas (bastante produtivas). O artigo lida com a interface lexicalização e gramaticalização com base em resultados de análises de *corpora* e testes conduzidos por pesquisadores no âmbito do Projeto PREDICAR – A Formação e expressão de predicados complexos.

O sexto texto, de Lauriê Ferreira Martins e da Prof^a Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF) intitula-se *Padrões construcionais de marcadores discursivos em contexto de contraexpectativa*. O artigo propõe que os marcadores discursivos (MDs) sejam incluídos no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções. O objetivo mais específico, por sua vez, é investigar como as microconstruções "olha", "olha só", "vê" e "veja bem" realizam-se como padrões construcionais vinculados à mesoconstrução denominada contraexpectativa. A abordagem utiliza dados de análise qualitativa e cálculo de frequência de uso. A defesa das autoras concentra-se na ideia de que os MDs podem ser projetados com base em um esquema abstrato, que permite a emergência de novos padrões construcionais, os quais, mesmo possuindo especificidades de uso, seguem uma direção determinada.

O sétimo texto, cujos autores são os professores Roberto Freitas Jr (UFRJ) e Priscilla Mouta Marques (UFRJ), tem como título *A ordem XVS no inglês: descrições sincrônicas e comparações com seu uso no EL2*. Os autores partem da afirmação de que a língua inglesa tem sido apontada como uma língua que não apresenta muitas possibilidades de quebra da estrutura da ordenação vocabular canônica SV(C), já que essa seria uma característica tipológica que a especifica como representante de um grupo de línguas que tendem a, dentre

outros aspectos, não apresentar flexão verbal rica, como as línguas latinas em geral. No trabalho, os autores oferecem uma breve descrição, com base na literatura linguística vigente, de um caso específico de quebra do padrão canônico SVC do inglês: o uso da construção XVS, na qual o sintagma referente ao sujeito semântico da oração emerge posposto ao item verbal, tendo sua posição prototípica, à esquerda do verbo, preenchida por outro elemento. A discussão mostra como pressões no nível do discurso interferem no mapeamento sintático, segundo a perspectiva informacional espelhada no discurso dos falantes.

O oitavo artigo, de Zaira Bomfante Santos, tem como título *A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações*. Como o título sugere, o artigo tem o propósito de apresentar um breve panorama da Linguística Sistêmico-Funcional. Para isso, a autora baseia-se nas concepções de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) por caracterizarem a teoria em uma perspectiva social, rompendo com os paradigmas do formalismo linguístico. A partir de algumas considerações de conceitos-chave da teoria, o artigo busca explicitar como se dá o funcionamento da linguagem em contextos comunicativos. Destacam-se, ainda, as noções de gramática, língua e sistema.

Por sua vez, o último artigo, de Gustavo Ximenes Cunha, intitula-se *O estudo da articulação textual em diferentes perspectivas teóricas*. No trabalho, o autor propõe uma aproximação de dois modelos teóricos do texto/discurso: a Teoria da Estrutura Retórica e o Modelo de Análise Modular. Buscam-se pontos de convergência entre eles, com o objetivo de se alcançar uma melhor compreensão da complexidade da articulação textual. Segundo o autor, tanto a RST quanto o MAM oferecem ferramentas de análise adequadas para o estudo da macrossintaxe do discurso. Além disso, ambas se filiam à corrente mais ampla dos estudos pragmáticos, porque investigam as manobras discursivas que o produtor do texto realiza, a fim de provocar determinados efeitos de sentido junto ao interlocutor.

Além do presente dossiê, há também as tradicionais seções de temas livres da *Revista Soletras*. Encerra este número o suplemento especial na área de Literatura.

Para finalizar, agradecemos à Comissão Editorial, aos Conselhos Interno e Externo, aos pareceristas *ad hoc*, aos assessores e aos revisores técnicos, além de agradecermos fortemente aos professores e pesquisadores que submeteram seus trabalhos para publicação no presente número deste periódico.

Referências bibliográficas:

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 84, n. 4, p. 711-733, 2006.

CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. *et al. Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-42.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar*. Syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELLOTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 157-176.

_____. Situando o funcionalismo. In: CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerda, 2007, p. 17-26.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. New York: Mouton de Gruyter, 1997a, pt. 1.

_____. *The theory of functional grammar: complex and derived constructions*. New York: Mouton de Gruyter, 1997b, pt. 2.

_____. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Dordrecht: Foris Publications, 1989, pt. 1.

DOSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1993.

GARCIA, T. S.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da gramática discursivo-funcional. *Alfa*, Araraquara, SP, v. 57, n. 2, p. 475-494, 2013.

GIVÓN, T. From Discourse to Syntax: Grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (Ed.) *Syntax and Semantics 12: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. Trends in Cognitive Sciences, 7 (5), 219-224, 2003.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p.13-47, 2009.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. v. 1. Mahwah; New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998, p. 155-176.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 53-92.

MARTINET, A. *Estudios de Sintaxis Funcional*. Madrid: Gredos, 1978.

MATHESIUS, V. Funkční lingvistika. [Functional linguistics]. In.: Sborník přednášek pronesených na Prvém sjezdu československých profesorů filosofie, filologie a historie v Praze 3.-7. Dubna, p. 118-130, 1929.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, Araraquara, SP, v. 38, p. 109-127, 1994.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, Stanford, v. 13, p. 7-117, 1984.

OLIVEIRA, M. R.; BATORÉO, H. Construções com pronomes locativos (loc) do tipo locv e vloc no PB e PE: correspondências e distinções. *Linguística*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 30, n. 2, p. 169-209, 2014.

OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de *discurso* e de *gramática* na perspectiva funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 97-114, 2009.

SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: A case study of Tok Pisin relatives [reprint of 1976 article in *Language*]. In.: HOLM, J.; MICHAELIS, S. (Eds.), *Contact languages* (vol. II). London: Routledge, p. 433-476, 2009.

TRAUGOTT, E. C. *Toward a coherent account of Grammatical Construcionalization*. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer, March 2nd, 2012.

———; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.